

II Jornadas de Timor da UP

SESSÃO DE ABERTURA

José Carlos Vieira
Jornalista da Lusa

Magnífico Reitor da Universidade do Porto
Senhor Professor Barbedo de Magalhães

Em primeiro lugar gostaria de manifestar o agradecimento pelo convite que me foi dirigido para participar nestas Jornadas e poder intervir nos debates.

Uma vez mais, o jornalista foi, também ele - e como explicarei -, sujeito na acção e aqui está uma justificação para umas breves palavras que vos gostaria de transmitir.

O tempo que me está reservado é curto e, portanto, deixarei por agora apenas alguns tópicos sobre uma experiência que vivi e algumas considerações gerais sobre o caso de Timor e a Informação, que poderei mais tarde desenvolver durante o debate ou em outra intervenção.

A visita do Papa a Timor-Leste, em 12 de Outubro, que o regime indonésio queria aproveitar como contribuição para legitimar a anexação, tentando dar uma ideia de normalidade no território, acabou por ter como resultado a maior denúncia internacional sobre a situação vivida no território em mais de uma década.

Graças a quê?

Primeiro que tudo, a um punhado de jovens timorenses que tiveram a coragem de apresentar o seu protesto perante o Papa.

Depois, porque o próprio João Paulo II - e apesar do muito que em Portugal e em outros países se disse - não perfilhou a ideia da normalidade e fez denúncias da situação do povo timorense, como explicarei adiante.

Em terceiro lugar, porque a presença em Dili de algumas dezenas de jornalistas representando órgãos de informação prestigiados de todo o mundo, possibilitou uma avalanche informativa sem precedentes.

Aqui devo sublinhar que, na minha opinião, a Indonésia fez uma incorrecta avaliação das eventuais consequências da presença de jornalistas portugueses no vôo papal.

Jakarta não tinha concedido visto aos vários jornalistas portugueses que o tinham

solicitado. E só após uma negociação entre a Santa Sé e o governo indonésio foi possível a dois jornalistas portugueses - o Henrique Mota, da Rádio Renascença, e eu próprio, representando a Agência Lusa - obterem os vistos e seguirem no vôo papal.

Durante a viagem, e nos dias que antecederam a chegada a Dili, tivemos oportunidade de conversar com muitos colegas que nos acompanhavam acerca da situação no território ocupado pela Indonésia.

Primeiro olharam-nos com desconfiança e ouviram-nos com reserva. Mas progressivamente foram-se mostrando mais interessados.

Contudo, depois da passagem por Dili e de tudo aquilo que aconteceu e é do vosso conhecimento, as conversas connosco alteraram-se profundamente.

No regresso de Dili a Jacarta, e ainda no avião, alguns jornalistas vieram ter connosco a pedir-nos desculpa pela incredulidade demonstrada antes.

No meu caso pessoal, uma colega veio pedir-me desculpa e teve um gesto especial. Disse-me "Olha, tenho aqui um rosário que me foi dado por um seminarista timorense, mas acho que deves ser tu a ficar com ele e a levá-lo para Portugal".

Na sua homília, o Papa referiu-se ao prolongado sofrimento do povo timorense, aos mortos, à ausência de liberdade e de estabilidade, às suas legítimas expectativas e às responsabilidades daqueles que têm uma palavra quanto ao seu futuro.

As montanhas de recortes de imprensa internacional então recolhidos e desde essa altura acumulados, com artigos relevantes publicados em prestigiados "media" internacionais mostram que de nada serviram várias acções de propaganda do governo indonésio, designadamente uma brochura sobre Timor-Leste que tinha sido deixada nos nossos quartos de hotel à chegada a Jacarta.

Em Timor tive oportunidade de falar com algumas pessoas, muitas das quais me diziam apenas: "Não sei" ou "Tenho medo de falar".

Falei com membros do clero, um dos quais me disse abertamente: "Vivemos aqui como num campo de concentração".

Cheguei mesmo a emocionar-me e deixei-o transparecer em alguns dos textos que escrevi e em algumas crónicas que transmiti.

É, pois, difícil controlar uma situação em que jornalistas independentes e credíveis possam relatar livremente circunstâncias que testemunhem.

Por isso a comunidade informativa mundial vai continuar a ter dificuldades em reportar sobre Timor-Leste, porque a Indonésia sabe à partida os riscos que tal envolve.

Os jornalistas portugueses, no seu caso particular, vão deparar com dificuldades acrescidas.

O tema de Timor-Leste está em Portugal a ser de algum modo tratado pela Informação de forma bastante irregular, por vezes mesmo com alguma dose de

superficialidade ou mesmo de incorrecção.

Na medida em que o possa agora formular, o meu voto vai no sentido de que haja uma maior atenção e responsabilidade relativamente a este caso, por parte da Informação portuguesa e internacional, certo de que ela contribuirá decisivamente para uma maior consciência mundial em torno do problema e de uma solução para ele no respeito dos direitos e dos anseios dos timorenses.

Porto, 28 de Abril de 1990

José Carlos Vieira